

Os pequenos e médios empresários, confiantes no sucesso do Plano Collor.

O Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Cebrae) apurou, em pesquisa nacional feita em julho, que quase 60% dos 1.392 entrevistados consideram que o Plano Brasil Novo melhorou o País; e o desempenho do presidente Collor é classificado entre bom (34%) e médio (43%). Mas a maioria dos médios, pequenos e microempresários ouvidos ainda duvida que a meta governamental da estabilidade econômica será atingida, enquanto 45% acreditam no sucesso das reformas em curso. Com relação à vida das próprias empresas, o programa econômico apresentou repercussão positiva (45%).

A pesquisa abrangeu 40% de empresas industriais, 42% de comerciais e 18% da área de serviços. A maioria delas está concentrada no ramo de bens de consumo, destacando-se as de alimentos, vestuário, calçados, construção civil, móveis e eletrodomésticos. Mais da metade dos entrevistados afirmaram que seus preços permaneceram inalterados após o Plano Collor e que o relacionamento com os fornecedores melhorou. Contudo, 41% registra-

ram queda no volume de vendas, 30% continuaram com a mesma média, e também houve muitos (28%) que aumentaram seu faturamento.

Quatro meses após a implementação das medidas econômicas, a maioria das empresas de pequeno porte (71%) manteve seu quadro de pessoal. Apenas 13% demitiram mão-de-obra e 16% contrataram novos empregados. Quanto à política salarial de livre negociação, 67% dos entrevistados manifestaram-se favoráveis. A maioria deles considera que após o Plano Collor a situação dos trabalhadores ficou mais difícil, notadamente para os do setor comercial.

O enxugamento da liquidez afetou o capital de giro em 28% das empresas pesquisadas. Já 38% afirmaram que não houve problema e 34% não tiveram recursos bloqueados. Apesar de um terço das empresas terem sido atingidas pelo bloqueio de recursos, 73% dos entrevistados não recorreram ao crédito bancário. Entre aqueles que contrataram financiamentos, 19% reclamaram das elevadas taxas de juros.

Cerca de 70% dos empresários consultados pretendem realizar investimentos de curto prazo (um ano), sendo que 30% promoveriam inversões nos próximos três meses e 23% em um semestre. Porém, parcela significativa de empresas (33%) não tenciona investir no futuro próximo. A maior concentração delas situa-se nos setores comercial (37%) e industrial (43%). Quanto aos níveis de emprego, apenas 8% prevêem demissões e 61% acreditam que manterão o quadro de pessoal atual.

Para os médios, pequenos e microempresários, o governo deve facilitar o acesso ao crédito bancário (29%). A adoção de uma política salarial com índices fixados pelo governo tem a preferência de 20% dos entrevistados, 19% solicitam que as poupanças sejam desbloqueadas e 14% querem a liberação total dos preços. Eles acreditam que os principais problemas a serem enfrentados pelo governo nos próximos seis meses serão as greves (19%), inflação (15%), recessão (12%) e desemprego (11%).